



O CATOLICISMO COMO FONTE FORMADORA DE ALICIA EGUREN E DO PERONISMO (1943-1955)

Catholicism as a formative source for Alicia Eguren and Peronism (1943-1955)

| 225

Gustavo Santos da Silva*

Recebido em: 13/05/26

Aprovado em: 17/07/26

Resumo: Considerada como uma das artífices da vertente revolucionária do Peronismo, Alicia Eguren (1925-1977) está atrelada a uma dupla memória na História Argentina: primeiro como esposa e colaboradora de John William Cooke (1919-1968), segundo como militante de trajetória ligada à luta pelo socialismo na Argentina e na América Latina. Menos visitada são seus anos de formação e sua atuação como poeta, editora, diplomata, filósofa e professora universitária, período no qual foi militante da organização nacionalista católica Alianza Libertadora Nacionalista e do Partido Peronista Feminino. Nesse artigo abordo a influência do catolicismo intelectual e político como fonte formadora de Alicia Eguren, e como esta fonte foi suprasumida ao Peronismo e suas tendências, de esquerda e de direita.

Palavras-Chave: Alicia Eguren (1925-1977); Catolicismo na Argentina; Peronismo.

Abstract: Considered one of the architects of the revolutionary wing of Peronism, Alicia Eguren (1925-1977) is linked to a dual memory in Argentine history: first, as the wife and collaborator of John William Cooke (1919-1968), and second, as a militant whose trajectory was linked to the struggle for socialism in Argentina and Latin America. Less explored are her formative years and her work as a poet, editor, diplomat, philosopher, and university professor, and the

* Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF); Mestre em História pela UFF; Graduado em História pela UFF; Coordenador do Grupo de Pesquisas e Estudos Nacionais e Estratégicos Moniz Bandeira; Integrante do projeto de extensão Cinema e Memória na América Latina (IACS-UFF); Autor da tese “Alicia Eguren, John William Cooke e os anos de formação do Peronismo Revolucionário: Nacionalismo e Socialismo na Argentina (1930-1959)”. Email: gustavosantos1@msn.com ; ORCID: 0009-0007-5483-267X; lattes: <http://lattes.cnpq.br/6764938299837652>

period in which she was a militant in the Catholic nationalist organization Alianza Libertadora Nacionalista and the Peronist Women's Party. In this article, I examine the influence of intellectual and political Catholicism in shaping Alicia Eguren, and how this influence was subsumed into Peronism and its left- and right-wing tendencies.

| 226

Keywords: Alicia Eguren (1925-1977); Catholicism in Argentina; Peronism.

1- Alicia Eguren. Panorama de uma vida revolucionária

[...] tudo que nos acontece deixa-nos rastros, tudo contribui, ainda que de maneira imperceptível para nossa formação.
(Johann Wolfgang von Goethe. *Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister*. 1795¹)

Alicia Graciana Eguren (1925-1977), ou Alicia Eguren de Cooke como passou a assinar à partir dos anos 1960, foi uma política revolucionária, peronista e marxista, que atuou profissionalmente como professora universitária, diplomata, editora e poeta. Nascida em 11 de outubro de 1925, em Buenos Aires, Argentina, Alicia foi criada em Boedo, bairro portenho de boêmia e de importante movimentação cultural, sobretudo no tango² e na literatura³.

¹ GOETHE, 1994, p.416.

² Boedo foi palco do despontamento da obra de dois dos principais compositores de tango da história argentina: Enrique Discépolo e Homero Manzi, no qual justamente suas carreiras se deram entre o final dos governos radicais e o primeiro governo de Perón. Personagens esses que travam uma luta com e contra o processo de estrangeirização através do espraiamento da indústria cultural por meio do rádio e da penetração das grandes companhias de cinema estudunidades (MARÍÑO, 2015, p.17;33).

³ Alicia Eguren cresceu a menos de um quilometro da sede da revista *Claridad*, que por ser localizada na boêmia Avenida Boedo, batizou o grupo literário que se reunia ao redor da revista como grupo Boedo, este reunia jovens escritores como Elias Castelnuevo. Sugestivo foi o nome da revista fundada por Catelnuevo e que antecedeu Claridad, se chamava *Extrema Izquierda* (1924), nesta publicação polemizou com o grupo Florida e a publicação Martin Fierro, estabelecendo no folclore cultural argentino o que seria supostamente sua principal rivalidade literária: Boedo voltado a uma literatura social e de temáticas proletárias e Flórida preocupada com uma “revolução” estética e a incorporação das vanguardas artísticas europeias como o surrealismo e o dadaísmo, embora o nacionalismo ali também estivesse, pois como sinalizou Héctor Murena, em *Martín Fierro* estavam os temas tradicionais do gauchesco e do caudilho adaptados a uma estética europeísta e sentimentalista com o passado (MURENA, 1948, p.74).

Filha do contador Ramon Eguren e da farmacêutica Herculina Petrona Viva, Alicia teve uma criação rodeada de lendas políticas familiares. Na conjuntura de crise econômica do início do século XX, o pai de Alicia Eguren havia migrado para o norte da província de Santa Fé para trabalhar na La Forestal Land, Timber and Railway Company, empresa britânica praticante de intensa deflorestação e do uso de mão de obra em condições análogas a servidão (ROCK, 2019, p.219). Segundo Miguel Mazzeo essa experiência laboral pode ter sido fundamental para a inclinação nacionalista e anti-britânica do pai de Alicia sobre o mundo (MAZZEO, 2022, p.87). Ademais, somava-se a isso antecedentes familiares pouco comprováveis, como a lenda de um tio avô de Ramon, de sobrenome Bordenave, que seria tão rosista⁴, que após a Batalha de Caseros (1852) teria ficado escondido em um túnel envolto de uma bandeira argentina durante uma semana, como remonta a própria Alicia Eguren em entrevista a revista *Panorama* em 1971⁵.

Sua mãe, Herculina, por sua vez, cursou o ensino superior numa época em que a taxa de matrícula de mulheres ainda era irrisória (VERA, 2019, p.128). Conhecida como Mamá Ina, ela foi responsável pela criação de Pedro Catella, nos anos de clandestinidade e prisão de Alicia. Ademais, a dona de uma farmácia no bairro de Parque Patricios, se tornaria uma figura importante da Resistência Peronista, após o golpe de 1955 que derrubou Perón, transformando sua casa na rua Castro Barros 1134, Boedo, em um centro de distribuição de informações entre Perón, o comando político exilado e os resistentes que agiam na clandestinidade e nos cárceres.

Alicia Eguren ingressou no curso de filosofia na *Universidad de Buenos Aires* em 1943, ano em que em que a *loggia* militar *Grupo de Oficiales Unidos*

⁴ Partidário do federalismo de Juan Manuel de Rosas (1793-1877), líder da Confederação Argentina entre 1835-1852.

⁵ “Un tío abuelo de mi padre, de apellido Bordenave, se pasó una semana en um zanjón, envuelto en una bandera para evitar las venganzas de los antirrosistas después de Caseros”: EGUREN, Alicia. Si Evita viviera sería montonera. In: *Panorama*, 27 de julio de 1971, n°222. Arquivo Catella-Mazzeo.

(G.O.U) capturou o poder com o objetivo de finalizar um período de fraude política institucionalizada desde 1930, e promover a industrialização, a modernização das forças armadas e os direitos trabalhistas para se conter o “avanço” do comunismo. Alicia se formou em 1946, ano no qual do interior da lutas políticas do regime militar se possibilita a eleição presidencial do coronel Juan Domingo Perón, que por meio da Secretária do Trabalho e Previsão Social se tornou a liderança política mais popular do país ao mobilizar os sindicatos e convocá-los para auxiliá-lo na redação de leis trabalhistas, além de unificar a *Confederación General del Trabajo* (CGT), dando forma a um monólito entre governo e classe trabalhadora, e iniciando o período conhecido como Primeiro Peronismo ou Peronismo Clássico (1946-1955), marcado por profundas reformas estruturais da economia e da sociedade, no regime autointulado como Justicialista⁶. Segundo a própria Alicia, ela e sua família teriam sido adeptos do Peronismo desde antes mesmo que esse nome existisse (EGUREN, 1971).

Pouco após concluir seus estudos na *Facultad de Filosofía y Letras* da *Universidad de Buenos Aires*, no final de 1946, Alicia Eguren ditou alguns cursos de filosofia na *Universidad de La Plata*, e em 1947 foi admitida como professora titular de Sociologia na *Universidad del Litoral* (Rosário), ela também havia prestado concurso público para o serviço diplomático e foi aprovada, optando por este último e sendo nomeada Segunda Secretária da Embaixada da Argentina em Londres, destino no qual embarcou em 4 de outubro de 1947 (MAZZEO, 2022, p.132-133). Em Londres, Eguren passou a se relacionar amorosamente com Pedro Catella (*Cónsul Attached*), com quem se casaria em 22 de junho de 1948.

Todavia, apesar de Alicia Eguren aproveitar a vida cultural londrina como podemos consultar em suas agendas pessoais as anotações de direções de bibliotecas, museus, livrarias e centros universitários e a compra de livros

⁶ Conforme a Doutrina Justicialista a justiça social deveria estar fundada sobre três bases: ética – elevação da cultura social dos argentinos; dignificação do trabalho; e por último a humanização do capital (PERÓN, 2011, p.32).

ingleses⁷, segundo María Seoane, logo ela se decepcionaria com seu casamento por motivos de constantes relações extraconjugais de Catella, e se aproveitando de uma resolução da ONU de 1948 que proibia que pessoas com matrimônio desempenhassem funções diplomáticas na mesma sede, Alicia retornou para a Argentina apenas quatro meses depois de ter se casado, e em 22 de novembro de 1948 deu a luz à Pedro Gustavo Catella, seu único filho, nascido no Hospital Naval Militar em Buenos Aires. Como na Argentina ainda não havia a lei do divórcio, Catella e Eguren entraram com processo de separação alguns meses depois no México.

Em 1949 Eguren assumiria seu cargo de professora titular de Sociologia na *Facultad de Ciencias Económicas* da *Universidad del Litoral* lecionando aulas de “Introdução a Filosofia” e “Fundamentos dos fatos e ideias sociais e econômicas, ao mesmo tempo que passou a dar classes de “Literatura Argentina II” na *Facultad de Humanidades* em *Universidad de La Plata* (MAZZEO, 2022, p.140), enquanto simultaneamente daria impulso as suas aptidões como poeta, ensaísta e editora. Entre 1949 e 1952, Alicia Eguren publicou quatro obras poéticas: “*El canto de la tierra inicial*” (1949), “*Dios y el mundo*” (1950), “*El talud descuajado*” (1951) e “*Aquí, entre magras espinas*” (1952), além de uma obra de teatro (*La Pregunta*, 1949), e o livro “*Poemas del Siglo XX*”, este último não publicado e no qual os manuscritos desapareceram. Alicia também dirigiu a revista *Sexto Continente* entre o primeiro número (julho de 1949) até o quarto número (outubro-novembro de 1949). Revista esta que era voltada as temáticas históricas, culturais e políticas da América Latina. Ela ainda colaborou em outras inúmeras revistas, e dirigiu a *Editorial Sexto Continente* nesse mesmo período .

Com os avanços das reformas promovidas por Perón e as mudanças na inserção da Argentina na economia global, na conjuntura de consolidação da hegemonia estadunidense e a associação entre capitais domésticos e o capital

⁷ Uma parte da memorabilia de Alicia Eguren pode ser consultada em: Fondo Eguren-Cooke, Caixa 1: Pasta 1, Biblioteca Nacional Mariano Moreno.

financeiro internacional (FRONDIZI, 1957, p.57-58), o Peronismo foi enquadrado cada vez mais na lógica da Guerra Fria, e com isso, setores que até então sustentavam o Peronismo como a Igreja Católica e o Exército romperam com o governo e engrossaram as fileiras opositoras, criando condições objetivas e subjetivas para o golpe de Estado. O marco da mudança de regime (*regime change*) se deu com o criminoso bombardeio da *Plaza de Mayo* em 16 de junho de 1955, promovido por setores da Marinha e pelos comandos civis de oposição, incluindo a Igreja, no qual foram assassinadas cerca de 400 pessoas (SILVA, 2025, p.290-300).

Nesse contexto no qual o burocratismo também havia tomado o Peronismo, o jovem ex-deputado John William Cooke, que se encontrava em segundo plano e dirigia revista *De Frente*, passou a se destacar novamente e tratou de organizar a resistência ao golpismo, sendo nomeado diretamente por Perón como interventor no *Partido Peronista* da Capital Federal devido ao seu exemplo combativo. É nesse momento no qual Alicia Eguren dá um salto em sua *práxis* e passa a se direcionar à esquerda. Ela se une a John William Cooke não somente nas tarefas militantes, mas estabelece com ele um casal, no qual passam a formular conjuntamente os pressupostos táticos e estratégicos de uma nova concepção Peronista, para além da conciliação de toda a comunidade nacional, ou seja, se orientando para uma proposta de revolução social: um peronismo revolucionário.

Entretanto, as medidas tomadas para preservar o governo não surtiram efeito imediato e após novas investidas de violência Perón foi derrubado em 19 de setembro de 1955, iniciando um período de 18 anos de exílios e proscricção. Eguren e Cooke também ingressam em uma vida de clandestinidades e prisões. Cooke é nomeado publicamente como delegado pessoal de Perón em 2 de novembro de 1956, quando se encontrava preso em Río Gallegos, na Patagônia. Desse momento até 1959, a linha de Cooke seria a linha oficial do Peronismo, ou seja, a proposta era que através de células e comandos políticos clandestinos fomentassem a orientação política e organização de greves e atos de sabotagem

para criar condições para a insurreição revolucionária e tomada do poder. Foi um período no qual Eguren e Cooke protagonizaram fugas cinematográficas de prisões, articularam o Peronismo no exílio no Chile e no Uruguai, e organizaram greves e ações de sabotagem à ditadura autodenominada como *Revolución Libertadora* (1955-1958) (SILVA, 2025, p.303-342).

Contudo, a linha insurrecional não foi bem sucedida rapidamente, e Perón tratou de costurar um pacto eleitoral que levou Arturo Frondizi (*Unión Cívica Radical Intransigente*) a ser eleito presidente em 1958. Entretanto, Cooke enquanto delegado pessoal de Perón levou o ônus político do acordo, pois este não foi cumprido por Frondizi⁸, sobretudo por pressão dos militares (LUNA, 1963, p.204). Ademais, inúmeras greves foram mal sucedidas, incluindo a tentativa de uma greve insurrecional com a tomada do Frigorífico Nacional Lisandro de La Torre, após ser iniciada a privatização do estabelecimento, e com a acentuação da repressão com o decreto da *Conmoción Interna del Estado* (CONINTES) em 14 de novembro de 1958, Cooke foi perdendo sua posição como delegado pessoal de Perón, para dar lugar a uma política oficial mais conciliadora.

Todavia, isso significou apenas a passagem para a fase de maturidade do Peronismo Revolucionário. Em 1959 surge a primeira guerrilha argentina: o: *Ejército de Liberación Nacional – Movimiento Peronista de Liberación*, mais conhecido como *Uturuncos*, que adotaram os planos táticos e estratégicos de John William Cooke (co-elaborados por Alicia Eguren e outros companheiros como Abraham Guillén, César Marcos e Raul Lagomarsino), no qual consideravam a guerrilha como totalidade estratégica, que não poderia ser um movimento restrito à cidade ou ao campo, mas que deveria abarcar todo o país, articulado por um Estado-Maior e um comandante em chefe (GUILLÉN, 1966, p.71-72), e que deveriam se especializar em três frentes de atuação: político (sindicatos, partido político, frente de libertação nacional), militar e de

⁸ O Pacto Perón-Frondizi previa entre outros pontos a suspensão da proscrição do Peronismo.

informação (redes de informação clandestina, redes de contato, abastecimento, etc.) (GUILLÉN, 1965, p.205).

232 | Alicia Eguren e Cooke foram convencidos a prestar apoio à guerrilha. Eguren ficou encarregada de cooptar elementos da *Juventud Peronista*, no qual muitos jovens se inseriram no trabalho de levantamento de fundos para a guerrilha e outros se deslocaram para Tucumán para participar diretamente do movimento armado. Entretanto, ao contrário da expectativa, a guerrilha seria derrotada precocemente em junho de 1960, pois com o país militarizado pelo CONINTES os acampamentos guerrilheiros dos *Uturuncos* foram descobertos por tropas de infantaria do Exército sem que a guerrilha houvesse entrado em algum enfrentamento de grande intensidade.

Entre 1960 e 1963, Eguren e Cooke residiriam em Cuba, enquanto insisitiam sem sucesso para que Perón transferisse seu exílio da Espanha franquista para Cuba socialista. Entre demais tarefas, o casal acessorou politicamente o comandante Ernesto “Che” Guevara, e aprofundaram e aprimoraram sua formulação teórica do Peronismo Revolucionário (Peronismo enquanto mediação ao socialismo nas condições argentinas), além de participarem da resistência à Invasão à Bahia dos Porcos em 1961. Ao regressar à Argentina em 1963 criaram a *Acción Revolucionaria Peronista* (ARP) que para Miguel Mazzeo (2016, p.289) foi “*concebida como grupo de acción y concientización en el marco del movimiento peronista pero independiente de sus estructuras ‘oficiales’*”. Ademais, por meio da ARP, Cooke se tornou representante da Argentina na *Organización Latinoamericana de Solidaridad* (OLAS).

Cooke faleceria precocemente, aos 48 anos de câncer de pulmão, em 1968. Desde então, Eguren se tornaria a principal referente política da ARP (CARUSO, 2020, p.840-841), e também desempenharia um destacado papel editorial importante para a manutenção e ampliação do legado do seu companheiro. Entre 1971 e 1973 ela organizou a primeira versão das “*Obras Completas*” de Cooke, publicadas pela editora *Granica*. Ademais, Eguren

também se estabeleceu de modo singular como um elo entre o Peronismo Revolucionário e os agrupamentos marxistas não-peronistas, por exemplo, desenvolvendo uma política de frente de massas e de classe junto à insurgência político-militar como a *Frente Antiimperialista y por el Socialismo* (FAS), que anos 1960 teve seu antecedente, quando Eguren e Cooke fundaram o jornal *Soluciones Populares para los problemas Nacionales* e organizaram o *Movimiento de la Liberación Nacional* (MALENA), frente que unia radicais intransigentes, comunistas e peronistas revolucionários.

Como precursora dos agrupamentos políticos-militares peronistas e da esquerda marxista, Eguren contribuiria em revistas importantes dos anos 1970 como *Nuevo Hombre* e *El Mundo* e estabeleceu uma interlocução importante entre agrupamentos políticos como o *Partido Revolucionário de los Trabajadores- Ejército Revolucionário Popular* (PRT-ERP), os *Montoneros* (de origem católica peronista), e outros como *Peronismo de Base* (PB), as *Fuerzas Armadas Peronistas* (FAP), a *Frente Revolucionaria Peronista* (FRP), e o *Movimiento Revolucionario 17 de Octubre* (MR17). Ademais, Eguren também foi uma importante interlocutora com movimentos revolucionários na América Latina, África, Ásia e Europa Ocidental, com dirigentes dos países socialistas e com lideranças como Salvador Allende e Fidel Castro.

Após o golpe empresarial-militar de 1976, Alicia Eguren foi posta como alvo da política de extermínio institucionalizado, e caiu presa em 26 de janeiro de 1977, e depois de torturada por meses na *Escuela Mecánica de la Armada* e provavelmente em outros locais de extermínio, ela foi jogada de um helicóptero (ainda viva) no Rio da Prata, no que ficou conhecido como os *vuelos de muerte* em 19 de agosto de 1977. Alicia Eguren é desaparecida política, porém presente em ideias e lutas (em *práxis*).

2- Alianza Libertadora Nacionalista, Existencialismo e Revisionismo Histórico

Amplos são estudos que explicam as condições econômicas e as mudanças nas dinâmicas das classes sociais que deram chão para o surgimento do Peronismo. Menos explorado é o ambiente de ideias das décadas precedentes ao despontamento da proposta justicialista, sobretudo da miscigenação de ideias⁹ num contexto de modernização de uma sociedade que havia se inserido globalmente por meio da especialização agro-pastoril. Particularmente, entre os anos 1920 e 1940, conjuntura da crise de transição hegemônica mundial, que somente se resolveria com o fim da II Guerra Mundial, no qual se desenvolveu na Argentina a mescla entre o tradicionalismo católico, anti-britanismo (caudilhismo anti-imperialista) e ideias de justiça social (muitas das quais anticomunistas).

Ainda no início do século XX, para citar um caso emblemático, Ernesto Quesada (1858-1934) que através da publicação de *“La época de Rosas”* (1898) havia levado o movimento de revisão histórica, iniciado por Adolfo Saldías, à condição de impronta historiográfica tipicamente nacionalista, no plano político se via como parte de uma elite intelectual destinada a dirigir o país, e influenciado por Otto Von Bismarck, Quesada considerava que a “questão social” poderia ser resolvida pelas elites através de um Estado forte e centralizado (QUESADA, 1921). Leitor de Marx em alemão, Quesada apreciou as descobertas científicas de Marx, mas encarava o liberalismo e não o capital como principal inimigo. Além disso, ele rejeitava por inteiro a ideia de revolução social, promovendo uma proposta que unificasse socialismo e catolicismo.

⁹ O método desenvolvido por José Gaos, Leopoldo Zea, Arturo Ardao, entre outros representantes do movimento latino-americano da história das ideias nos permite entender que as ideias são modificadas, deformadas ou melhoradas conforme mudam de circunstâncias e as subjetividades dos sujeitos que por ela sofrem influência e a alteram conforme as condições e pretensões particulares de cada realidade. Não se trata de circulação de ideias, mas de grandes campos universais-concretos: história do positivismo na circunstância mexicana, história do marxismo na circunstância argentina, história do liberalismo na circunstância colombiana, etc, Ver: ARDAO, Arturo. *Filosofia de lengua española*. Montevideu: Alfa, 1963; ZEA, Leopoldo. *El pensamiento latinoamericano*. México D.F: Ariel Seix Barral, 1976.; COSTA, João Cruz. *Contribuição à História das Ideias no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967; VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Filosofia e Circunstâncias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

No contexto da promoção da encíclica *Rerum Novarum: sobre as condições dos operários* (1891) escrita pelo Papa Leão XIII, Quesada considerava que as ideias sociais da Igreja eram o ponto mais alto da resolução dos conflitos de classe, no qual os *Círculos Obreros Católicos*, promovidos pela Igreja, significam uma superação do anarquismo e do comunismo ateus. Ademais, para Quesada, Marx era um intelectual limitado as circunstâncias da revolução industrial inglesa que pretendia dar um sentido universalista a uma contribuição particular, entendimento esse que partia de seus estudos sociológicos sobre a classe operária argentina e o desencontro desses estudos com os exemplos citados por Marx.

Em sua conferência “*La iglesia católica y la cuestión social*” (1895), Quesada defendia um Estado-providência que restaurasse em alguma medida o Antigo Regime a fim de restituir os princípios de Pátria e fé da autoridade, de mesmo modo que era avesso ao liberalismo político baseada na ação do indivíduo. Desta maneira, Quesada desejava uma superação reacionária, pré-moderna, que vislumbresse restituir a autoridade e as formas políticas anteriores ao período inaugurada pela Revolução Francesa (QUESADA, 1895, p.100), daí a reivindicação de um Juan Manuel Rosas como pedagogo das elites, no qual seu ecletismo segundo Fernando Devoto e Nora Pagano (2009, p.104) resultava numa “*tensión entre sus interés por el modelo alemán, sus propósitos nacionalistas y patrióticos y sus preferencias historiográficas*”.

O revisionismo histórico¹⁰ iniciado por Quesada, ganharia fôlego após o golpe de Estado de 1930 que derrubou Yrigoyen, no qual o Acordo Roca-

¹⁰ Nesse artigo enfatizo a corrente revisionista mais vinculada ao catolicismo, ao hispanismo e ao sentimentalismo romântico ruralista. Contudo, o revisionismo histórico argentino é um estilo historiográfico muito mais polissêmico, com diversas ramificações de direita e de esquerda. Tendo como marco o trabalho de historiadores como Adolfo Saldias (1849-1914) e Ernesto Quesada (1858-1934) que se rebelaram contra a visão historiográfica oficial e liberal - representada principalmente por Bartomé Mitre e Vicente López após a Batalha de Pavón (1861)- o revisionismo argentino promoveu a uma reabilitação do caudilhismo federal, valorizou os costumes gauchos e se distanciou do cosmopolitismo. Sua produção foi marcada por vários momentos de grande peso no debate público: entre os anos 1930-1940, tanto promovido por setores examinados nesse artigo, como por intelectuais anti-imperialistas do grupo F.O.R.J.A; Após a queda de Perón em 1955, no qual se invertia o paralelo de Perón com a “tirania rosista”,

Runciman com a Inglaterra¹¹ que prejudicou os setores internistas da agropecuária, criando condições para uma revisão da história pela elite intelectual vinculada a esses setores, como os irmãos Julio e Rodolfo Irazusta, que por meio da historiografia passaram a promover uma fusão de ideias anti-britanistas, hispanistas e com vagas concepções de justiça social nos moldes das doutrina social da Igreja (ROCK, 2019, p.283; HALPERÍN DONGHI, 2004, p.81; HALPERÍN DONGHI, 2005, p.15-16).

Parte desses intelectuais de identitarismo caudilhesco e católico, como José María Rosa e Ernesto Palácio, foram não somente influentes sobre a jovem Alicia Eguren, como também foram de grande proximidade pessoal com a personagem histórica. Essas concepções, conservadoras-revolucionárias¹² ganhavam ainda mais terreno se levado em conta que a Igreja Católica por meio do Papa Pio X promovia a *Acción Católica*, que estimulava os nacionalismos como antidóto anticomunista, visando também recuperar a preeminência da Igreja no Estado como resposta ao processo de laicização da política que ocorreu

principalmente representado na produção de autores como Fermín Chávez e Eduardo Astesano; e durante os anos 1960-1970 numa vertente de esquerda e próxima ao marxismo como em autores como León Pomer, Norberto Galasso, Rodolfo Ortega Peña, Luis Alen Lascano, entre outros, que passaram a valorizar mais a história do interior. É importante ainda esclarecer que Perón e o governo do Primeiro Peronismo (1946-1955) não promoviam o revisionismo, mantendo os mesmos panteões de heróis liberais como Sarmiento, Alberdi, Roca e Mitre, o revisionismo só seria assumido por Perón posteriormente no exílio (JAURETCHE, 2006; HALPERÍN DONGHI, 2006).

¹¹ Assinado em 1º de maio de 1933 entre Julio Argentino Roca, vice-presidente da Argentina e Walter Runciman, encarregado de negócios da coroa britânica. O tratado concedia 85% das licenças de importação de carne argentina aos britânicos, consolidando um *trust* dos frigoríficos britânicos e abolia impostos sobre exportação de outros setores chaves como o carvão, rebaixou o preço do trigo em referência ao mercado internacional e cancelava novos impostos às mercadorias britânicas. Roca-Runciman visava contrabalancear os acordos da Conferência de Ottawa (1932) no qual o Império Britânico passou a dar preferência de importações de mercadorias de primários da *Commonwealth* (colônias e ex-colônias), restringindo as importações a terceiros.

¹² Aqui nos apropriamos da ideia de Gilberto Freyre quando adjetivou a trajetória de Joaquim Nabuco. A categoria conservador-revolucionário permite compreender setores sociais e políticos orientados à modificar/transformar/modernizar a realidade, mas que não pretendem romper com as tradições e o arranjo das classes sociais, diz Freyre: “Joaquim Nabuco parece ter compreendido que, em tais épocas, cabe aos homens de responsabilidade intelectual ou política, mesmo quando revolucionários na substância, serem conservadores de formas e de ritos para que dentro desses ritos se processem menos crua e violentamente alterações necessárias ao melhor ajustamento entre os homens” (FREYRE, 1950, p. 151).

nas primeiras décadas do século na América Latina e na Europa (DUSSEL, 1989, p.13; DUSSEL, 1995, p.66-67).

| 237

Na Argentina o fomento da *Acción Católica*, com suas divisões em setores masculino e feminino, significou um renascimento de massas do catolicismo, especialmente entre os jovens, ao combinar o liberalismo econômico com uma cruzada moralista (BERTOLOTTO, 2020), influenciando agrupamentos femininos como a *Asociación Argentina del Sufragio Femenino* liderada pela assistente social Carmela Horne de Burmeister, que sob o lema “*Pátria, Orgulho Cívico e Humanidade*” teve grande êxito em atrair um considerável número de mulheres para a causa sufragista durante os anos 1930 (CARLSON, 1988, pp.160-161).

Quando ingressou no curso de filosofia da *Universidad de Buenos Aires*, Alicia Eguren não se vinculou nem ao radicalismo familiar, tampouco à partidos da esquerda como o *Partido Comunista* ou o *Partido Socialista*, mas aderiu à *Alianza Libertadora Nacionalista* (ALN), organização católica nacionalista. Agrupamento este que para além de uma certeza sensível foi também um espaço altamente intelectualizado e de formação de quadros, com ideias de um anti-imperialismo calcado nos valores que antecipavam a proposta de “comunidade organizada” peronista e de segurança social. De modo que, atraiu não somente Eguren, mas outros personagens da futura esquerda peronista e do peronismo revolucionário como os jovens Rodolfo Walsh, Rogelio García Lupo e Jorge Ricardo Masseti. Cerca de 3 mil mulheres como Alicia Eguren militavam na ALN num total de aproximadamente 10 mil militantes na época que ela esteve na organização (BESOKY, 2016, p.41). E na *Universidad de Buenos Aires*, longe de ser somente uma simples militante, Eguren era segundo Mazzeo (2022, p.116) uma referente nacionalista entre o setor universitário.

Na ALN Eguren se aproximou de intelectuais como o padre Leonardo Castellani, que no plano filosófico através, tendo o existencialismo de Kierkegaard como base, induzia à proposição de um humanismo cristão, nacional e crítico, e que tal como Miguel de Unamuno dava centralidade ao conceito de

agonia como sinônimo de luta contra as tendências da vida e contra a morte, quer dizer da vida como sinônimo de luta (tomar partido). De mesmo modo que, considerava que a fé teológica abria a possibilidade não contra a razão, mas para além dela, ou seja, do caminho kierkegardiano que ia do especulativo à existência (liberdade), ou da estética (contemplação, especulação) à ética, do indivíduo que toma parte através de sua história (CASTELLANI, 1973).

Todavia, foi com o Congresso Nacional de Filosofia, em Mendonza, 1949, que o Peronismo vislumbrou ser conceituado de maneira filosófica. Com comunicações de importantes filósofos ocidentais como Karl Löwith, Julio Meinvielle, Benedetto Croce, Hans-Georg Gadamer, Nicola Abbagnano, Karl Jaspers, Bertrand Russel, Jean Hyppolite, entre os aproximadamente 200 participantes, somente 10 eram mulheres, no qual uma delas era Alicia Eguren, na condição de professora da *Universidad del Litoral* (Santa Fé). Sendo que nenhuma delas esteve nas sessões principais, enquanto Alicia Eguren foi a única mulher na lista de membros redatores (MAZZEO, 2022, p.162-163).

Contudo, como notou Gadamer, o ambiente acadêmico argentino naquele momento era marcado por um conflito entre duas facções filosóficas que apoiavam Perón:

O verdadeiro tema do Congresso foi o confronto entre o pensamento cristão na tradição tomista e o pensamento determinado pela filosofia alemã moderna. São Tomás não foi mais citado neste congresso do que Husserl e Heidegger. Foi particularmente o tema da metafísica que dominou o congresso. A forma de pensar o positivismo e o pragmatismo, que era decididamente contra toda a metafísica, não encontrou adeptos porque o congresso raramente contava com a presença de filósofos anglo-saxões. As duas frentes que se enfrentavam eram chamadas de: Tomismo e Existencialismo, sendo que este último era na verdade mais um termo coletivo para tudo o que era “moderno”, ou seja, para o pensamento que havia saído do contexto dogmático da igreja. O verdadeiro existencialismo que os franceses, especialmente Sartre, desenvolveram na última década desempenhou apenas um papel secundário. **(tradução nossa)** (GADAMER, 1977, p.148)

Os representantes dessas linhas filosóficas no Congresso eram Carlos Astrada, diretor do Instituto de Filosofia da *Universidad de Buenos Aires*, e notável filósofo argentino, de reconhecimento na Europa, onde foi aluno de Heidegger, e o padre Hernán Benítez (futuro precursor da teologia da libertação). Estas duas linhas imprimiram marcas sobre a formação de Alicia Eguren, pois ambas as vertentes existencialistas, apesar de se rivalizarem, se confluíam na ambição de constituir uma ontologia do nacional argentino, como fundamento filosófico do Peronismo¹³. Se Eguren bebia em Castellani, e por consequência em Kierkegaard e Unamuno, e portanto, do misticismo radical levadas ibericamente às últimas consequências, enquanto formada em filosofia na *Universidad de Buenos Aires*, ela foi também influenciada por Astrada em sua ontologia do *gaucho* (ser nacional), filósofo que promovia uma leitura mítica de de “*El Gaucho Martín Fierro*” (1872) de José Hernández, calcada numa proposta de retorno histórico, regeneração cara ao vitalismo de Spengler (luta contra a decadência), e igualmente influenciado por Unamuno, Kierkegaard, Simmel e Sorel (BUSTELO e RUBIO, 2021, p.16), no qual propunha uma definição esóterica do nacional, que em última instância visava uma proposta de uma nova democracia, conforme as características nacionais, como superação da democracia liberal ocidental:

Una nación no es resultado de un proceso físico, sino que nace de un acontecimiento histórico, de un alumbramiento espiritual y está bajo la advocación de um destino a realizar, de una misión que cumplir. Toda creación histórica verdadera trae a la vida una estructura anímica que responde a una forma peculiar de convivencia humana (ASTRADA, 1948, p.1)

Alicia Eguren provavelmente também teve contato como as aulas e oficinas de Héctor Murena na *Universidad de Buenos Aires*, que em “*El Pecado Original*

¹³ Fundamental aqui levar em consideração como o excepcionalismo nacional (dinamarquês) propagado na obra de Kierkegaard, e sua primazia pelo indivíduo cristão diante da multidão amorfa, influíram através do campo filosófico argentino na concepção de singularidade do ser nacional, suas instituições e de porvir histórico, no qual o concreto atua como mediação para um novo misticismo (LOWITH, 2014, p.134-138;196-200)

de América” (1954)¹⁴, realizou uma crítica filosófica muito autêntica. Para Murena se o latino-americano é excluído das questões abstratas tidas como “universais” e nelas se sente deslocado e desamparado, a América, como terra do pecado no qual vivem os que foram expulsos não só do paraíso, mas também da História (expulsão sobre expulsão como define Murena), logo é permitido que todos os conceitos se profanizem e se perverta a totalidade fechada, abrindo espaço para a singularidade habilitando, dessa forma, a composição de expressões transobjetivas e novas expressões políticas para além da democracia ocidental.

Vemos portanto, até aqui, como vão se conformando ideias de mitos históricos e intentos de sistematização ontológicas do ser nacional, fosse por viés laico ou por viés teológico, que se confundiam e se confluíam por terem em comum o horizonte criar uma nova forma política que mesclasse as heranças caudilhas com justiça e participação social, e também por serem marcados por uma concepção tipicamente soreliana da ideia de mito, o sentimentalismo da mobilização das emoções, que resultaram em mitos concretos: a Evita, líder dos oprimidos, o retorno de Perón ou a greve insurrecional revolucionária. Mitos estes capazes de manter a capacidade de luta e moral elevada das massas peronistas, mesmo em seus momentos mais adversos, e que para Dussel (2020, p.134) abriu: “*um horizonte político estrategicamente flexível, que incorpora o pensamento moral, simbólico e místico da cultura popular*”.

3- Alicia Eguren e o Partido Peronista Feminino

¹⁴ Em “*Pecado Original de América*” (1954) Héctor Murena oferece um grande aporte à filosofia da história latino-americana rompendo com a interpretação eurocêntrica unívoca dos conceitos. Nesta obra apresenta-se um antecedente da analógica-dialética por meio de uma redução da dialética do senhor e do escravo de Hegel à condição latino-americana, no qual o caminho da consciência-de-si permite desvelar o sentimento ontológico de deslocamento da História pelo latino-americano se virando para “matar” a forma europeia e fundir de fato o que há de elevado na alma europeia com a terra americana, ou seja, a libertação do sentimento de desterro através de um parricídio abrindo-se para uma independência ontológica latino-americana (MURENA, 2006, p.137-201).

Em 1947, com apenas um ano de governo, o Peronismo promulgava a demanda histórica das mulheres pelo voto feminino, e a fim de impulsionar a participação política feminina para as eleições de 1951, e encampar o voto desse eleitorado, foi fundado em 1949 o *Partido Peronista Feminino* (PPF). Em recorrido autobiográfico, Eva Perón chamou a atenção de que o *Partido Peronista Feminino* (PPF) não foi uma iniciativa sua, e sim do Presidente da República. Perón tinha receio de que com o sufrágio feminino as mulheres se masculinizassem e Evita reforçava esse caráter patriarcal do PPF semelhante a divisão em ramos de gênero da Falange Española: “*lo he dispuesto para que las mujeres no se masculinicen en su afán político*”. Contudo, ao mesmo tempo que Eva ratificava a submissão completa do Partido dirigido por ela ao Chefe Supremo do Movimento Peronista, ela considerava que “*unicamente las mujeres serán a salvación de las mujeres*” (PERÓN, 2015, p.289).

Eva Perón definia que o PPF não devia se intrometer em problemas públicos, sua função deveria se limitar em contribuir espiritualmente e moralmente ao Partido dos homens, e se reservar à ajuda social e atuar como guarda moral do lar. Para a mulher também caberia transmitir a doutrina peronista às crianças. Desta maneira, segundo Carolina Barry (2008, p.7): “*Las mujeres ingresaban a la política con las limitaciones propias de su género y la pertenencia a un partido de características carismáticas*”. Entretanto, estudos como o de Marta Raquel Zabaleta complexificam essa limitação política, pois ao analisar o efeito prático do novo partido e não somente as normas e finalidades, Zabaleta identificou que se o fundamento do ramo de mulheres do Movimento Peronista era marcado por um forte teor conservador do ponto vista moral e comportamental, sua atuação influiu diretamente na inclusão das mulheres na atuação política e organização social mais amplas, assim como ampliou a instrução educacional das mulheres proletárias (ZABALETA, 2017, p.6-7). Entre as inúmeras tarefas fundamentais do PPF nas organizações de base do movimento peronista Zabaleta enumera:

[...] criar centros culturais, organizar aulas de literatura para adultos e crianças, ensinar corte e costura, bordado, culinária, dança folclórica regional, etc., fazer um levantamento regular das necessidades da população nos locais mais pobres e ajudar a atender aquelas necessidades com o auxílio dos profissionais de serviço social, enfermeiros, médicos e advogados. [Além de] arregimentar mulheres para o PPF; providenciar um local de reunião social de mulheres fora de casa; providenciar creches para as crianças; oferecer assistência médica e legal gratuita; oferecer aulas de gramática, costura e política; e oferecer palestras, conferências e discussões de fatos correntes (ZABALETA, 2017 p.13).

Alicia Eguren foi uma das mulheres que assumiu a tarefa de organizar o PPF em 1949¹⁵, sua condição de mulher militante e intelectual resultava numa experiência confusa, pois vinha de uma organização do nacionalismo da direita, a ALN, que era contrária ao sufrágio feminino por receio de que as mulheres se masculinizassem ao adentrar num espaço até então somente permitido aos varões. Anteriormente aos partidos peronistas, a ALN já era dividida em ramos femininos e masculinos, cuja chefia da Divisão Feminina cabia à María Teresa A. de Alcántara, esposa do secretário executivo da organização, no qual assumia a crítica conservadora contra a libertação da mulher de seu lugar de dona do lar, de responsável pela família e de manutenção dos valores católicos (BESOKY, 2016, p.42-43; 60-63).

Por outro lado, Eguren tinha outras experiências além da atuação como militante nacionalista católica, ela foi uma mulher que havia entrado com o pedido de divórcio no México e tido seu filho sozinha em Buenos Aires, e que ademais era poetisa de carreira prodigiosa, ex-diplomata e professora universitária que se impunha em espaços culturais e intelectuais quase que absolutamente masculinos. Tal ambiguidade na sua trajetória até esse momento pesaria sobre seu lugar dentro do PPF e tanto a biografia de Miguel Mazzeo (2022, p165-166), quanto a de María Seoane, interpretam que Eguren rechaçava a divisão do Peronismo em ramos de gênero, e por isso nunca assumiu compromissos

¹⁵ Não sabemos em que momento exato Alicia Eguren se desligou da ALN, provavelmente isso tenha ocorrido em 1949 com a fundação da PPF.

orgânicos, mas que compreendia a importância do Partido na inclusão política e mobilização social das mulheres.

| 243 Ana Macri, militante peronista que foi deputada pelo PPF, e que compartilhou cela com Alicia em Olmos após o golpe de 1955, relatou a difícil relação que a “velha guarda” do PPF tinha com Eguren, ao mesmo tempo que descreve sua astúcia e criatividade política que demonstravam sua vocação como dirigente:

Alicia no era antipática pero sí fría para el trato. Ella tenía una modalidad distinta, un modo de pensar distinto [...] Una anéctoda retrata su dinamismo y esa actitud de no importarle qué hacía con tal de obtener lo que quería. Alicia comandaba un grupo de mujeres que no eran del peronismo, entonces durante una visita que le hizo el padre, mientras conversaba con él, sacó un papel y un lápiz y le escribió los nombres de varias chicas y sus teléfonos. Se sabe que a cualquier persona, cuando entra y sale de la cárcel, la revisan de arriba abajo. ¿Qué quería Alicia? Que la policía le savara el papel al padre. Esas mujeres cayeron presas porque Alicia tenía la intención de darles directivas para que las ejecutaran cuando salieran. Al poco tiempo las llevaron a declarar, se dieron cuenta de que le había sido un ardid, y las liberaron (MACRI, Apud: SEOANE, 2014, p.100-101).

4- Revista Sexto Continente, hispanidade e vitalismo

Das múltiplas atividades desempenhadas por Alicia Eguren durante os primeiros governos peronistas, a co-editoração (com Armando Cascella) da revista *Sexto Continente* foi provavelmente junto com sua prolífica produção poética, a iniciativa mais ambiciosa de seus empreendimentos no período. Se existiam muitas revistas políticas e culturais na Argentina naquele momento e havia uma ampla rede de revistas peronistas, *Sexto Continente* se destacaria pela audácia de sua proposta. O Sexto Continente em questão é a porção territorial americana que está abaixo do paralelo 34, uma totalidade cultural e histórica mais que unidade geográfica: “la América Latina constituye, por sí, un continente indiviso y perfectamente diferenciado, cuyo porvenir inmediato es el de gravitar considerablemente como unidad económica y como ente espiritual en los destinos del mundo contemporáneo” (EGUREN e CASCELLA, 1949, p.2), assim definiam Cascella e Eguren essa totalidade no primeiro editorial da revista.

E com o propósito de que a revista fosse uma publicação de circulação continental estabeleceram uma extensa rede de intelectuais latino-americanos, contando com diretores de renome em diversos países como José Vasconcelos pelo México, Santiago Vivanco pelo Chile, Ramón Díaz Sánchez pelo Peru, Alejandro Carrión pelo Equador e Elsie Lessa pelo Brasil.

No editorial do primeiro número da revista, Eguren e Cascella indicavam o desejo de estimular “*una mayor unión espiritual y el conocimiento integral de las otras pátrias latinoamericanas*” e que publicariam uma variedade temática referente a essa totalidade: “*estúdios políticos, económicos y sociales. La literatura, y la música y las artes plásticas*” que “*ocuparán en nuestra atención el mismo plano que la indústria edilícia, y la algodónera y la agricultura y la ganadería, ofreciendo de tal suerte un panorama integral de ese inmenso taller de trabajo que es toda la Nación*” com o propósito de um “*Conocimiento integral de nuestro ejido continental*” sem cair na “*banalidade de enunciar la creación de un ‘super-Estado’ continental*”, ao mesmo tempo que afirmavam seu pertecimento ao Ocidente: “*La Patria para nosotros occidentales, una necesidad del corazón*” (EGUREN e CASCELLA, 1949, p.2-4).

Enquanto no editorial do terceiro número de *Sexto Continente*, Cascella e Eguren assinam a ideia de que “*España es y será siempre nuestra Madre Patria*”, Cascella no artigo “*Consciencia Continental de América*” reforçaria o caráter hispanista do latino-americanismo da revista, portanto católico e tradicionalista, ainda que considerassem que o Sexto Continente constituísse uma realidade nova, filha de Europa, mas que não era Europa, ou melhor, nas palavras do próprio Cascella:

Nosotros latinoamericanos, somos CASI Europa [sic!]. Hemos heredado su sangre, su cultura, su alma. Pero no somos Europa. Es posible que lo mejor de ella hayamos heredado también los gérmenes del morbo decadente que la afecta, pero menos en la misma proporción y virulencia. Pero, puesto que por ser herederos directos, obran dentro de nosotros los mismos gérmenes de descomposición y finalismo que observamos en nuestro continente-madre (CASCELLA, 1949, p.2).

Portanto, nessa contradição de fundo implicitamente spengleriano ou orteguiano, se a herança europeia poderia conduzir a uma decadência simultânea com o “velho continente”, também se abria a possibilidade da conformação de uma nova etapa histórica através da manutenção do ingrediente nuclear da latinidade: o catolicismo. Para Cascella a decadência corresponde a aquilo que se afastou do catolicismo, ou seja, ao que não é latino, ao que é protestante, anglo-saxão, tal qual as caracterizações do revisionismo dos ruralistas derrotados pelo Roca-Runciman na Década Infame (1930-1943):

Europa que comenzó a traicionarse a sí misma cuando se dejó infiltrar por el espíritu de la Reforma, a la Europa envenenada por el virus anglosajón del luteranismo [...] Europa fue desunida, partida en dos por el espíritu cismático y destructor de la Reforma. (CASCELLA, 1949, p.1-2)

A Terceira Posição¹⁶ era mais uma vez teorizada, e Cascella ainda que reconhecesse a maternidade à Europa Latina, recusava a ideia de Hemisfério Ocidental, terminologia ideológica da geopolítica usada para inscrever a América Latina como pátio traseiro (*hinterland*) da potência imperialista do norte, e por outro lado, desenvolvia uma ideia que encontra semelhança em José Martí, em José Enrique Rodó e também em José Vasconcelos, porém com forte teor conservador. Esta era a ideia na qual existem Duas Américas como continentes diferentes, um anglo-saxão, protestante, tecnicista, mecânico e sem espiritualismo e uma América católica, herdeira da velha Europa românica, porém no qual teria como missão um novo fazer histórico civilizacional:

No se trata aquí de ‘hemisferios’ sino de ‘continentes’. Esta es la era de los Continentes [...] Ocupemos el lugar que nos corresponde en el concierto mundial, no como un grupo de países

¹⁶ Por meio de um discurso radiofônico chamado “*Por la paz en el mundo*” (1947) e transmitida por centenas de rádios pelo mundo, Perón anunciava sua própria política externa: a Terceira Posição, no qual convocava a suspensão dos antagonismos ideológicos e a cooperação econômica e a paz mundial na base da: igualdade jurídica dos Estados soberanos; da fraternidade e cooperação política e econômica como forma de aproximar as nações; da amizade com todos os povos do mundo, da manutenção da equidistância do que chamava de “dois imperialismos” (EUA e URSS), sem inclinar-se a hegemonias e indicava o desejo de servir a humanidade através da paz interna e internacional: (RAPOPORT, 2003, pp.446-448; PETERSEN, 2018, p.167-168).

satélites del coloso del Norte, o como un conjunto de hijos más o menos pródigos de la vieja Europa (CASCELLA, 1949, p.8).

| 246 E com um certo tom de ontologia existencialista como o “*Mito Gaucho*” de Astrada, Cascella afastava a individualidade nacional da Argentina dos coletivismos desespiritualizados das duas grandes potências da Guerra Fria, a fim de autenticar a Terceira Posição novamente em nível filosófico: “*Moscu y Nueva York, las capitales maximas del colectivismo mecánico y olvidado del espíritu, se disputan la supremacia mundial*” (CASCELLA, 1949, p.2).

Fontes diversas aqui se apresentavam, no qual corresponde em grande medida ao pensamento de Alicia Eguren nessa época: revisionismo, catolicismo, existencialismo e *hispanidad*, essa última fonte não pode deixar de ser notada também por historiadores e ensaístas presentes em *Sexto Continente* que foram partidários da causa monarquista/franquista, quer dizer fascista, na Guerra Civil Espanhola, como Leopoldo Marechal, Carlos Ibarguren, Ramón Doll, Arturo Cancelli, entre outros (SAZBÓN, 2015, p.162).

Por outro lado, Eguren também contribuiu em outras revistas vinculadas ao projeto cultural peronista que surgiram no período, como *Cultura*, publicação que animada pelo coronel Domingo Mercadante, governador da província de Buenos Aires contou com a colaboração de intelectuais da ex-F.O.R.J.A e do nacionalismo católico, ou seja, com composição similar a de *Sexto Continente*, porém com um projeto editorial mais voltado ao nacional. Em *Cultura* Alicia publicaria sua crítica ao romance “*La vingt-cinquième heure*” (A vigésima-quinta hora, 1949) do romeno Virgil Gheorghiu, um *best seller* anticomunista, que em 1967 seria reproduzido nos cinemas, protagonizado pela mega-estrela de Hollywood Anthony Quinn.

Lembremos Gheorghiu se referia ao ex-comunista Arthur Koestler como sua grande influência, Koestler que foi um dos grandes expoentes da atuação da CIA na Guerra Fria Cultural (SAUNDERS, 2008, p. 23;76-79; 319-35; 427). Portanto, “*La vingt-cinquième heure*” vinha, portanto, na esteira da teoria do “totalitarismo” de Guerra Fria, que igualava nazismo e comunismo, e do niilismo

anti-utópico, que servia como desarme ideológico concorrencial das aspirações revolucionárias.

| 247

Tendo como premissa para a crítica, a leitura do católico anticomunista Gabriel Marcel que considerava a obra de Gheorghiu a mais importante sobre a condição humana naquele momento, e também a crítica de Ventilla Horia (1950, p.47-52) em *Sexto Continente* que considerava o livro uma novela do destino coletivista, Alicia Eguren emite um juízo da decadência ocidental de modo muito semelhante a Casella, destacando que Europa e EUA se encontravam na “*hora venticinco, el momento donde toda la tentativa de salvación se hace inútil. Ni siquiera la venida de un Mesías resolvería nada. No es la última hora sino una hora después*” (EGUREN, 1951, p.92).

Eguren também estava na leitura do autor romeno que se a luz horizonte se revelava agora no Oriente, este tampouco era a Rússia Soviética, pois semelhante a Spengler, e provavelmente influenciado por ele, Gheorghiu que era teólogo de formação e cristão ortodoxo, não somente considerava a cultura russa incompatível com os valores ocidentais, mas pior, pois ao ser tomada pelo bolchevismo marxista teria passado a construir uma civilização coletivista e tecnicista que se dirigia à decadência espiritual.

Tras la revolución comunista, Rusia se convirtió en la rama más avanzada de la Civilización técnica occidental [...] Excepto la sed de sangre y el fanatismo, en la URSS todo procede del Occidente (EGUREN, 1951, p.99-100)

Aqui ainda vemos uma Eguren muito alinhada no projeto intelectual e cultural do Peronismo oficial, ou seja, a de elevar a Terceira Posição ao nível filosófico, no qual se conjugava contraditoriamente a equidistância e certo repúdio pelas duas potências da Guerra Fria, com objetivo de produzir uma nova forma de soberania política, ao mesmo tempo que reivindicava a herança e a afiliação à cultura ocidental católica com uma forte carga anticomunista. Embora, já residisse elementos da particularidade do socialista com características nacionais do Peronismo Revolucionário como o não-alinhamento internacional e a mediação com o cristianismo popular.

5- Igreja e contra-revolução e a guinada à esquerda de Alicia Eguren

| 248

Contudo, foi justamente com a Igreja Católica que se abriu uma das primeiras fraturas dentro do bloco policlassista, pois, apesar do governo peronista pronunciar constantemente seu catolicismo e sua defesa intransigente de seus valores de fé, morais e de ética, a Igreja foi frustrada do seu desejo de implementação de um Estado confessional como o da Espanha de Franco, apesar da amizade que Perón tinha com o chefe do Estado espanhol. Do mesmo modo, com a criação da *Fundación Eva Perón*, a Igreja perdera a influência social que possuía através das Sociedades de Beneficência, instituídas desde os anos 1820, além de ter que concorrer com o culto a personalidade do casal Perón, no qual Evita após sua morte se convertia na prática na líder espiritual do país, se tornando a imagem que vinculava os trabalhadores as suas conquistas, ao bem-estar e a proteção.

Dado isso, o segundo governo Perón foi marcado pela disputa entre governo e Igreja, e se os sacerdotes católicos passaram a oposição aberta, Perón comprou a briga e tentou golpeá-los com letalidade política: primeiro retirando das autoridades eclesiásticas a exclusividade no ensino religioso, através da acusação de que estas faziam uso irregular dos fundos públicos destinados ao ensino religioso¹⁷, e depois, revogando a lei de ensino religioso obrigatório. Na sequência, Perón encaminhou ao Congresso a lei do divórcio, suspendeu a isenção fiscal para a Igreja¹⁸, e por fim, orientou Congresso a separação completa entre Estado e Igreja. Cabo de guerra, no qual se os grupos católicos através dos comandos civis ou por meio de organizações próprias organizavam tumultos, protestos, propaganda subversiva contra o regime e mesmo ataques terroristas¹⁹, por sua vez, Perón respondia com a prisão de padres e militantes católicos

¹⁷ Missão Diplomática do Brasil (MDB) em Buenos Aires. **Reservado 182/640.49(41)**. 31 de março de 1955, Arquivo Histórico do Itamaraty (AHI) 12-3-11.

¹⁸ MDB em Buenos Aires. **Reservado 261/600 (41)**. 14 de maio de 1955, AHI 12-3-12.

¹⁹ MDB em Buenos Aires. **Reservado 267/600 (41)**. 17 de maio de 1955, AHI 12-3-12.

vinculados a tais ações²⁰, apesar de enfatizar “*Soy católico (...) No hay ningún conflicto religioso, hay un problema de organización política (..) no se trata de religión, se trata de política*”²¹”.

| 249

Entre muitas perturbações e ações subversivas da *Acción Católica* no período, a situação de conflito entre Igreja e governo chegaria ao ápice durante a procissão de *Corpus Christi* em 11 de junho de 1955, que propositalmente foi transferida da quinta-feira (9) para o sábado, com o objetivo de aglutinar o maior público possível. Quando a procissão chegou na *Plaza del Congreso* uma cena constituiria no maior gesto de ofensa ao Peronismo: uma bandeira da Argentina alçada no meio da multidão fora baixada e incendiada e no seu lugar subiu uma bandeira do Vaticano. De imediato, foi marcado para o 16 de junho um ato de desagravo à bandeira argentina organizado pelo Ministro da Aeronáutica Brigadeiro Major Juan Ignacio de San Martín.

Todavia, um novo intento de golpe de Estado estava programado por militares conspiradores chefiado pelo Contra-almirante de Infantaria da Marinha Toranzo Calderón para o dia 14 de junho, porém, como o ato de desagravo de 16 de junho desmobilizaria muitos militares de seus quartéis, a data se tornou a mais adequada para uma nova tentativa de magnicídio e assalto ao poder. O plano consistia em bombardear a Casa Rosada com aviões da Marinha e da Aeronáutica e matar a Perón, a seguir entrariam em ação os comandos civis junto com infantess da Marinha que assaltariam a sede do governo para capturar Perón vivo ou morto, e tomariam estações de rádio e bloqueariam todos as vias de entrada e saída ao redor da *Plaza de Mayo*. Na prática o que se efetivou foi um dos mais mórbidos episódios da história recente da América Latina: mais de 100 bombas de 9 a 14 toneladas de explosivos pintadas com o as letras C e V (Cristo Vence) foram arremessadas no Centro de Buenos Aires entre 12:40 e 17:40 de aviões da Armada, o número de mortos é inexato até os dias atuais, sendo aceito um

²⁰ MDB em Buenos Aires. **Reservado 261/600 (41)**.14 de maio de 1955, AHI 12-3-12.

²¹ Formuló Declaraciones al Diario “Tempo” de Roma el General Perón. In: Democracia. 10 de maio de 1955.

número indeterminado de entre 300 a 400 pessoas falecidas que se encontravam ao redor da *Plaza de Mayo*.

| 250

Um dia antes do bombardeio, Perón foi alertado pelo Ministro do Exército general Franklin Lucero de estranhas movimentações entre membros das forças armadas e sugeriu ao presidente para que se deslocasse até a sede do Ministério do Exército. Por volta das 8 da manhã do dia 16 de junho, Albert Nuffer, embaixador dos EUA, a fim de desvincular seu país do intento golpista, reforçou o pedido do general Lucero, informando a Perón que a Marinha estava tomada pelos rebeldes e que no aeroporto de Ezeiza os rebeldes possuíam um depósito de bombas clandestinos. Perón aceitou se retirar da Casa Rosada e preservou sua vida e seu governo por mais alguns meses (PERÓN, 1973, p.9).

Por sua vez, a ALN uma das poucas organizações políticas a ensaiar uma resistência no 16 de junho, foi mais longe na reação. Além de depredar e incendiar sedes e locais identificados com o *Partido Socialista* e com a UCR, o anticomunismo da direita nacionalista se exacerbou quando em Rosário, um dia após o massacre da *Plaza de Mayo*, o médico e dirigente comunista Julio Ingalinella seria torturado até a morte por meio de choques elétricos em ação da polícia de Rosário, isso quando Ingalinella dias antes havia participado de panfletagens contra o movimento golpista (TARCUS, 2007, p.311). Como protesto, médicos, dentistas e advogados decretaram greve nas províncias de Santa Fé, Córdoba e Tucumán sendo acompanhados pelos estudantes universitários, enquanto a *Acción Católica* de forma oportunista assumiu a denúncia do caso²². Em contrapartida, na tentativa de trazer parte dos setores reacionários para seu lado, Perón inoportunamente em discurso pela Rádio del Estado responsabilizou os comunistas pela depredação das igrejas²³.

Foram nessas circunstâncias que culminaram na derrubada de Perón em 19 de setembro de 1955, que Alicia Eguren passa a se distanciar da militância mais

²² MDB em Buenos Aires. **Reservado 450/600.(41)**. 3 de agosto de 1955, AHI 12-4-3.

²³ MDB em Buenos Aires. **Reservado 338/601.3 (41)**. 23 de junho de 1955. AHI 12-4-1.

conservadora no interior do Peronismo, e se une a John William Cooke na organização da Resistência Peronista. Se abriria uma nova fase da história do Peronismo, em que a cisão entre tendências de esquerda e de direita ficariam mais explícitas e praticamente inconciliáveis. Entretanto, esse afastamento dos setores nacionalistas católicos, não significou por parte de Eguren um rompimento completo com antigos companheiros de militância e de ideias. Da mesma maneira, se redefiniria desde as bases a participação dos setores católicos populares que passariam a se vincular com os setores peronistas dispostos uma ruptura revolucionária da sociedade argentina, no qual a conformação do Conselho Episcopal Latino-Americano e Caribenho (CELAM), em 1955 e os acontecimentos da Revolução Cubana somada a renovação intelectual no interior da Igreja, forneceria condições para novas mediações entre socialismo e cristianismo, no qual o marco fundamental é a fundação do Movimento de Sacerdotes para o Terceiro Mundo, em 1967, na própria Argentina, e que Alicia Eguren atuaria como importante interlocutora entre os agrupamentos revolucionários e cristãos comprometidos com as lutas sociais.

Considerações finais

Entre diversas fontes que compõe a formação (*bildung*²⁴) de Eguren (revisonismo histórico, existencialismo, marxismo, entre outras), destaquei nesse artigo o catolicismo como importante fonte mediadora de seus anos de aprendizado (*Lehrjahre*). Considero que o estudo do catolicismo como um elemento importante na formação do Peronismo e de suas tendências nos fornece mais cores sobre um painel de fundo nebuloso possibilitando que as figuras se fundam uma nas outras e se realize um efeito muito mais atraente produzido pelo conjunto (GOETHE, 1994, p.32-33).

²⁴ Para Goethe, semelhante a Fenomenologia do Espírito de Hegel, a formação é marcada por inúmeros pontos de transição na história da relação da consciência com suas circunstâncias concretas. O que é imediato se descobre constantemente como mediado, toda ideia é inacabada, em permanente transformação. Contudo, os momentos anteriores não são obliterados, mas são subsumidos na passagem da pura interioridade à realidade objetiva. (GOETHE, 1994)

O catolicismo na formação de Alicia Eguren se apresenta como um imediato que se revela como mediado, ou seja, que está contido nas demais fontes de sua formação: o caudilhismo e o hispanismo tanto em suas heranças familiares, quanto pela decisiva influência que teve o revisionismo histórico entre os anos 1930 e 1950; o existencialismo, fosse em suas expressões explicitamente religiosas como a representada por Leonardo Castellani, quanto em vertentes laicas de Murena e de Astrada (que posteriormente se tornaria marxista), não menos repletas de fundos metafísicos. Ambas tendências que se confluíam numa concepção mitológica do horizonte político.

Pode-se constatar, portanto, que as ideais peronistas se caracterizam pela miscigenação numa circunstância histórica particular em transição (modernização dependente). Tal miscigenação, longe de fomentar um monolito teórico, abriu espaços para ampliar as polissemias dentro do próprio Peronismo e tornar mais complexos e confusos os conceitos de direita e esquerda na América Latina. A luta por uma nova forma política soberana de Estado e de inserção internacional do mesmo, possibilitou tanto a emergência de uma expressão nacional de proposta de transição socialista (Peronismo Revolucionário), como alimentou dogmatismos conservadores que se definiriam nas expressões da direita do Peronismo. Portanto, pode-se concluir que o período 1943-1955 foi um momento de conformação de pensamentos heteróclitos, capazes de suprasumir fontes distintas, depurá-las constantemente, sem no entanto, rejeitar por completo o que se renunciava, mas sim de se direcionar a novos entendimentos.

Arquivos Consultados

Archivo Histórico de El Colegio de México (México)

Arquivo pessoal de Roberto Baschetti (Argentina)

Arquivo pessoal de Miguel Mazzeo-Pedro Catella (Argentina/México)

Arquivo Histórico do Itamaraty - Centro de História e Documentação Histórica e Diplomática (Brasil)

Biblioteca Nacional Mariano Moreno (Argentina)



Biblioteca Nacional de México (México)

Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de Izquierdas (Argentina)

Digitalen Sammlungen des Ibero-Amerikanischen Instituts (Alemanha, virtual)

| 253

Referências

ARDAO, Arturo. Filosofía de lengua española. Montevideu: Alfa, 1963.

ASTRADA, Carlos. El mito gaucho: Martín Fierro y el hombre argentino. Buenos Aires: Ediciones Cruz de Sur, 1948.

BARRY, Carolina. El Partido Peronista Feminino: la gestación política y legal. In: Nuevo Mundo Mundos Nuevos, nº8, Paris: École des hautes études en sciences sociales, fevereiro de 2008.

BERTOLOTTO, María Alejandra. La Acción Católica Argentina ante la cultura de masas durante la década de 1930. In: Quinto Sol, vol.24, nº2, Santa Rosa: Universidad Nacional de La Pampa: maio-agosto de 2020, pp.1-25.

BESOKY, Juan Luis. La derecha peronista. Prácticas políticas y representaciones (1943-1976). La Plata: Univesidad Nacional de La Plata. 2016.

BUSTELO, Natalia e RUBIO, Lucas Dominguez. Los textos del joven Carlos Astrada. De la “Revolución” Universitária a la vanguardia filosófica (1916-1927). In: ASTRADA, Carlos. Textos de Juventud: De la Revolución Universitária a la vanguardia filosófica (1916-1927). Buenos Aires: CeDinCI Editores: 2021.

CARLSON, Marifan. ¡Feminismo!: The Woman's Movement in Argentina. Chicago: Academy Chicago Publishers, 1988.

CARUSO, Valéria. Del nacionalismo a los cauces de la izquierda peronista: Un recorrido posible por la trayectoria política e intelectual de Alicia Eguren durante el periodo de proscripción del peronismo, In: Revista Izquierdas, nº49, Santiago de Chile: p.827-847, junho de 2020,.



CASCELLA, Armando. Consciencia continental americana. In: Sexto Continente, nº2, p.1-8, agosto-setembro de 1949,.

CASTELLANI, Leonardo. De Kirkegord a Tomas da Aquino: Introduccion a Filosofia. Buenos Aires: Editorial Guadalupe, 1973.

COSTA, João Cruz. Contribuição à História das Ideias no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

DEVOTO, Fernando e PAGANO, Nora. Historia de la historiografia argentina. Buenos Aires: Sudamericana, 2009.

DUSSEL, Enrique. História da Igreja Latino-americana (1930-1985). São Paulo: Paulus, 1989.

DUSSEL, Enrique. Teología de la liberación: un panorama de su desarrollo. México D.F: Potrerillos Editores, 1995.

DUSSEL, Enrique. Política da Libertação. Volume 2: arquitetônica. Passo Fundo: Editora Acadêmica do Brasil, 2020.

EGUREN, Alicia e CASCELLA, Pedro. El Sexto Continente. In: Sexto Continente, nº1. Buenos Aires: Julio de 1949, pp.1-5.

EGUREN, Alicia. La Hora veinticinco. In: Cultura, nº11, Ano III, La Plata: Ministério de Educación de la Provincia de Buenos Aires: 1951.

EGUREN, Alicia. Si Evita viviera sería montonera. In: Panorama, 27 de julio de 1971, p.14-15, nº222.

FREYRE, Gilberto. Quase política. Rio de Janeiro: José Olympio. 1950.

FRONDIZI, Silvio. La Realidad Argentina. Ensayo de Interpretación Sociológica: Tomo I. El Sistema Capitalista. Buenos Aires: Práxis, 1957.

GADAMER, Hans-Georg. Philosophische Lehrjahre. Eine Rückschau. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1977.

GOETHE, Johann Wolfgang. Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister. São Paulo: Ensaio, 1994.



GUILLÉN, Abraham. Teoría de la violencia. Guerra y lucha de clases. Buenos Aires: Editorial Jamcana, 1965.

GUILLÉN, Abraham. La estrategia de la guerrilla urbana. Montevideo: Manuales del Pueblo, 1966.

HALPERÍN DONGHI, Túlio. La Argentina y la tormenta del mundo: Ideas e Ideologías entre 1930 y 1945. Buenos Aires: Siglo XXI, 2004.

HALPERÍN DONGHI, Túlio. El revisionismo histórico como visión decadentista de la historia nacional. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005.

HORIA, Ventila. Los problemas de La Hora Veinticinco. In: Sexto Continente, n°6, p.47-52, outubro de 1950.

JAURETCHE, Arturo. Problema nacional y revisionismo histórico. Buenos Aires: Corregidor, 2006.

LÖWITH, Karl. De Hegel a Nietzsche: a ruptura revolucionaria no pensamento do século XIX: Marx e Kierkegaard. São Paulo: Editora da Unesp, 2014.

LUNA, Félix. Dialogos con Frondizi. Buenos Aires: Editorial Desarrollo, 1963.

MARIÑO, Cecilia Gil. El mercado del deseo: tango, cine y cultura de masas en la Argentina de los '30. Buenos Aires: Teseo, 2015.

MAZZEO, Miguel. El Hereje. Apuntes sobre John William Cooke. Buenos Aires: Colihue, 2016.

MAZZEO, Miguel. Alicia en el país. Apuntes sobre Alicia Eguren y su tiempo. Buenos Aires: Colihue, 2022.

MURENA, Héctor. Condenación de una poesía. In: Sur., n° 164, Buenos Aires: junho-julho, p.69-86, 1948.

MURENA, Hector Álvarez. El Pecado Original de América. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2006.

PERÓN, Juan Domingo. Del poder al exilio. Cómo y quiénes me derrocaron. Buenos Aires: Ediciones Argentinas, 1973.



PERÓN, Juan Domingo. *Doctrina Justicialista*. Comodoro Rivadavia: Sindicato Regional de Luz y Fuerza de la Patagonia, 2011.

PERÓN, María Eva Duarte de. *Razón de mí vida*. Asociación Museo Evita, 2015.

PETERSEN, Mirko. *Geopolitische Imaginarien Diskursive Konstruktionen der Sowjetunion im peronistischen Argentinien (1943–1955)*. Bielefeld: Transcript, 2018.

QUESADA, Ernesto. *La iglesia católica y la cuestión social*. Conferencia dada en los salones del Ateneo el 4 de octubre de 1895. Buenos Aires: Arnold Moen, 1895.

QUESADA, Ernesto. *La sociología relativista spengleriana*. Buenos Aires: Imprenta y Casa Editora Coni, 1921.

RAPOPORT, Mario. *História Económica, Política y Social de la Argentina (1880-2000)*. Buenos Aires: Ediciones Macchi, 2003.

ROCK, David. *The British in Argentina Commerce, Settlers and Power, 1800-2000*. Santa Barbara: Palgrave Macmillan, 2019.

SAUNDERS, Francis Stonor. *Quem Pagou a Conta? A CIA na Guerra Fria Cultural*. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SAZBÓN, Daniel. *Sexto Continente: una apuesta por una tercera posición latinoamericanista en la cultura peronista*. In: PRISLEI, Leticia (org.). *Polémicas intelectuales, debates políticos*. Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires, 2015, pp.149-191.

SEOANE, María. *Bravas. Bravas*. Alicia Eguren de Cooke y Susana Pirí Lugones. *Dos mujeres para una pasión argentina*. Buenos Aires, Sudamericana, 2014.

SILVA, Gustavo Santos da. *Alicia Eguren, John William Cooke e as fontes formadoras do Peronismo Revolucionário: Nacionalismo e Socialismo na Argentina (1930-1959)*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2025.



TARCUS, Horácio (org.). Dicionário Biográfico de la Izquierda Argentina: De los anarquistas a la nueva izquierda (1870-1976). Buenos Aires: Emecé, 2007.

| 257 VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. Filosofia e Circunstâncias. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

VERA, Maria Cristina. Mujeres universitarias argentinas y movimiento estudiantil del siglo XX. In: Paulo Freire. Revista de Pedagogía Crítica, nº20, Santiago de Chile: Universidad de Chile, p. 123-143, 2019.

ZAVALETA, Marta Raquel. O Partido das mulheres peronista: História, Características e consequências (Argentina, 1947-1955). In: Diálogos. nº4, vol. 1. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2017.

ZEA, Leopoldo. El pensamiento latinoamericano. México D.F: Ariel Seix Barral, 1976.